

PONTO DE VISTA E USO DE ASPAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE MANCHETES JORNALÍSTICAS

VIEWPOINT AND QUOTATION MARKS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: ANALYZING NEWS HEADLINES

Lilian Ferrari¹

Diogo Pinheiro²

RESUMO

Este trabalho enfoca o uso de aspas em manchetes jornalísticas do português brasileiro, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002). Com base no primitivo discursivo de Ponto de Vista (CUTRER, 1994; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; DANCYGIER; SWEETSER, 2012), propõe-se uma explicação unificada para o fenômeno, sob o argumento de que o uso de aspas indica mudança de Ponto de Vista na rede de espaços mentais estabelecida à medida que o discurso se desenvolve. Em particular, a análise evidencia que o uso de aspas para indicar deslocamento de Ponto de Vista pode ocorrer em dois contextos principais nas manchetes: (i) do espaço Base/*Ground* para um espaço de discurso reportado (discurso direto ou discurso direto parcial); (ii) do espaço Base/*Ground* para o Espaço Metalinguístico, que constitui um espaço mais implícito na Rede de Espaços Comunicativos Básicos (BCSN), no caso de processos metafóricos e/ou metonímicos.

PALAVRAS-CHAVE: Aspas. Ponto de vista. Discurso reportado. Linguagem figurada.

ABSTRACT

This work focuses on the use of quotation marks in Brazilian Portuguese news headlines, drawing on Cognitive Linguistics and, more specifically, Mental Spaces Theory (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002). Based on the discourse primitive of Viewpoint (CUTRER, 1994; DANCYGIER; SWEETSER, 2012), a unified explanation for the phenomenon is proposed, arguing that the use of quotation marks indicates Viewpoint shift in the mental spaces network established as discourse unfolds. In particular, the analysis shows that the use of quotation marks to indicate Viewpoint shift can occur in two main contexts: (i) from the Base/*Ground* space to a reported speech space (direct speech and partial direct speech); (ii) from the Base/*Ground* space to a more implicit Metalinguistic space in the Basic Communicative Spaces Network (BCSN), in the case of metaphorical and/or metonymic processes.

KEYWORDS: Quotation marks. Viewpoint. Reported speech. Figurative language.

Introdução

O uso de aspas tem sido tratado, tradicionalmente, como um processo semântico, em que as aspas são concebidas como mecanismos de sinalização de uma referência semântica especial (QUINE, 1951; DAVIDSON, 1984; WASHINGTON, 1992). Mais recentemente, vários estudos têm apontado que explicações pragmáticas podem fornecer uma compreensão mais abrangente do

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lilianferrari@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-7808-4425>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diogopinheiro@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>.

fenômeno (RECANATI, 2001, 2009; GUTZAMAN; STEI, 2011). De acordo com esses estudos, as aspas funcionam como marcadores pragmáticos mínimos que bloqueiam a interpretação prototípica da expressão a que se aplicam, indicando que uma interpretação alternativa deveria ser inferida.

Na esteira desses estudos, o presente trabalho propõe uma explicação cognitiva para o uso de aspas, sob a perspectiva teórica da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997). Com base em desenvolvimentos recentes da teoria (SANDERS, SANDERS; SWEETSER, 2009; FERRARI; SWEETSER, 2012), o objetivo é estabelecer uma proposta unificada para o fenômeno, argumentando que o uso de aspas sinaliza o afastamento da interpretação prototípica de uma expressão por força da mudança do *Ponto de Vista* (PV) do espaço *Base/Ground* para outros espaços disponíveis na rede de espaços mentais.

O trabalho está organizado em quatro seções principais. A seção 1, a seguir, detalha a fundamentação teórica, destacando a noção de espaço mental e suas relações com o primitivo discursivo de *Ponto de Vista*. Na seção 2, são apresentados os procedimentos metodológicos, detalhando-se a natureza dos dados utilizados, os objetivos e hipóteses da pesquisa. A seção 3 analisa manchetes jornalísticas que apresentam discurso reportado (direto e direto parcial) e linguagem figurada (metáfora e metonímia), argumentando que o processo de mudança de PV associado a esses fenômenos promove uma explicação unificada para o uso de aspas. Por fim, a seção 4 sintetiza as principais descobertas e aponta para desenvolvimentos futuros.

1. Teoria dos Espaços Mentais: do modelo original à versão BCSN

Um dos pressupostos teóricos básicos da Linguística Cognitiva é a ideia de que a construção do significado é cognitivamente motivada. Nesse sentido, a noção de *construal*, proposta por Langacker (1987, 1991), torna-se particularmente relevante, na medida em que demonstra que há modos alternativos de construir uma determinada cena. Por exemplo, com relação à descrição de uma situação envolvendo um tipo específico de disposição vertical entre um cachorro e uma almofada, é possível dizer que “o cachorro está em cima da almofada” ou que “a almofada está embaixo do cachorro”. As duas sentenças terão o mesmo valor de verdade, já que descrevem a mesma cena. Entretanto, ainda que os valores-verdade sejam os mesmos, as sentenças estabelecem *construals* distintos e, portanto, não são intercambiáveis em seus contextos de uso. Assim, o primeiro exemplo seria adequado como resposta à pergunta “Onde está o cachorro?”, enquanto o segundo seria uma resposta natural à pergunta “Onde está a almofada?”.

Um aspecto relevante do *construal* é a perspectiva. Em termos visuais, o que percebemos depende do local de onde vemos um determinado cenário. De forma análoga, ao construirmos cognitivamente uma cena, escolhemos uma perspectiva, que se reflete no Ponto de Vista assumido. Sendo assim, toda sentença reflete, necessariamente, algum grau de perspectivação.

No âmbito da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), o Ponto de Vista (PV) é definido como um primitivo discursivo. O modelo prevê que há expressões gramaticais (*space*

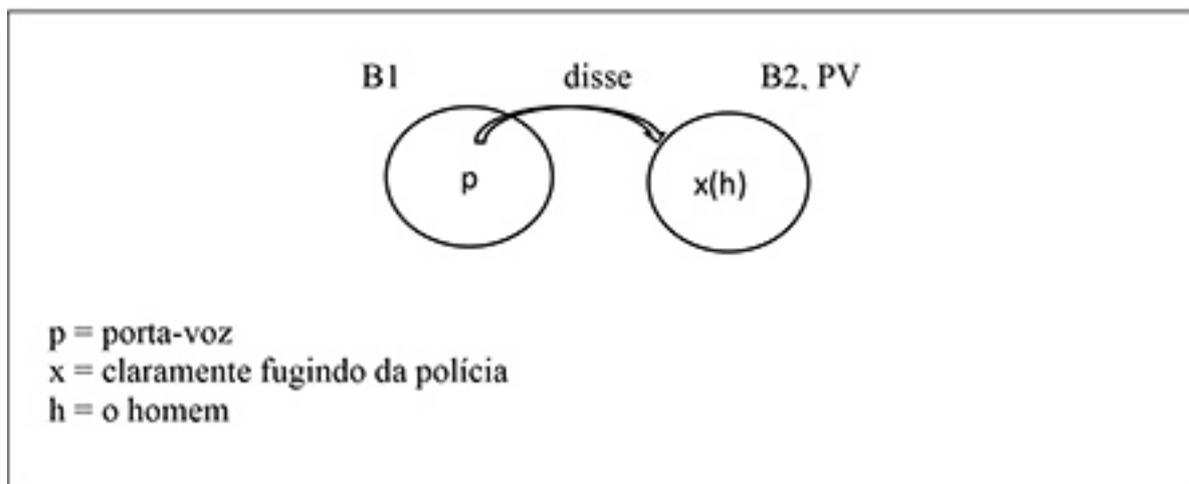
builders) que constroem novos espaços mentais à medida que o discurso se desenvolve. Esses espaços são normalmente criados a partir de um Ponto de Vista, (normalmente o espaço Base/*Ground*, ponto de referência que envolve falante/redator, ouvinte/leitor e circunstâncias espaço-temporais do evento de fala), a partir do qual a informação sobre o Foco (espaço destacado referencialmente) é acessada (CUTRER, 1994; FAUCONNIER e SWEETSER, 1996). Por exemplo, o pretérito perfeito em “Maria caminhou até a praia” indica que, enquanto o espaço Foco é o espaço de Conteúdo Passado em que o evento destacado é elaborado, o acesso a esse espaço Foco é feito a partir de um espaço de Ponto de Vista em que a caminhada de Maria até a praia não está acontecendo.

Com relação à mudança de Ponto de Vista, um caso discutido na literatura e que também é relevante para a análise aqui proposta, é o do discurso reportado. Sanders e Redecker (1996), em texto clássico sobre o tema, enfocam o deslocamento de PV, considerando casos de discurso direto e discurso direto parcial. Retomemos, inicialmente, o seguinte exemplo de discurso direto (SANDERS; REDECKER, 1996, p. 297):

(1) “O homem estava claramente fugindo da polícia”, disse o porta-voz.

Em (1), a cláusula “disse o porta-voz” abre um novo espaço, a partir do Espaço Base do narrador (B1). Esse espaço encaixado é, na verdade, um novo espaço Base (B2), já que todos os aspectos do centro referencial são deslocados para o novo narrador, ou seja, o falante reportado. Observemos o diagrama a seguir:

Figura 1: Representação de espaços mentais para discurso direto



Fonte: adaptado de Sanders e Redecker (1996)

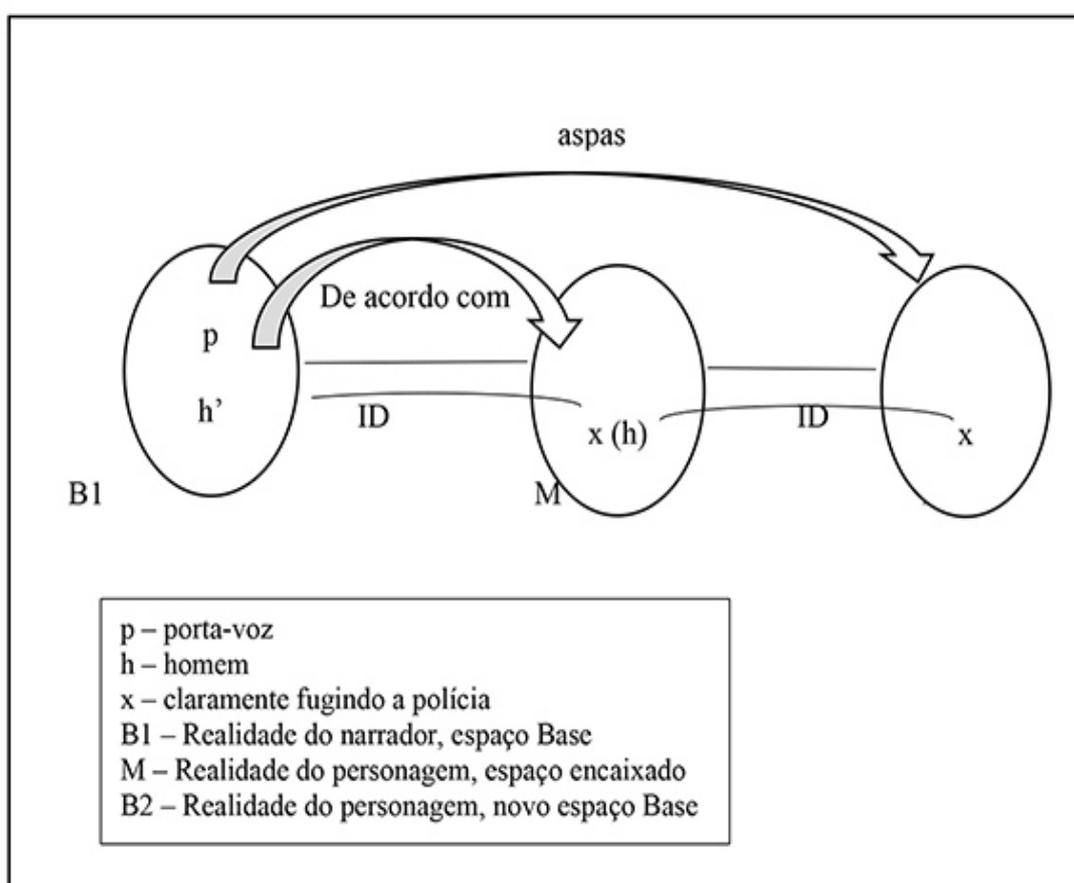
No discurso direto representado na figura 1, o Ponto de Vista é deslocado para o espaço B2 – o espaço do porta-voz. O uso de aspas na cláusula reportada indica justamente esse deslocamento.

Há, ainda, casos de “discurso direto parcial”³. Nesses casos, o jornalista reporta a fala de outrem indiretamente, sob seu próprio ponto de vista, mas seleciona estruturas menores do que uma cláusula completa para reportar diretamente, mudando nesse momento o PV para o falante reportado. Consideremos o seguinte exemplo (SANDERS; REDECKER, 1996, p. 298):

- (2) De acordo com o porta-voz, o homem estava “claramente fugindo da polícia”.

A mudança de PV, no exemplo (2), pode ser assim representada:

Figura 2: Representação de discurso direto parcial



Fonte: Sanders e Redecker (1996)

³ Esses casos parecem se incluir no que é denominado “*scare quotes*” na literatura (PREDELLI, 2003). Entretanto, como o termo pode ser usado para casos não diretamente relacionados ao discurso reportado, optamos por usar o termo “discurso direto parcial” (*partial quotes*), com base em Sanders & Redecker (1996).

Na figura 2, o marcador “de acordo com” abre um novo espaço M relativo ao espaço Base (B1), indicado pela seta que vai do falante (p), a quem o pronunciamento é atribuído, ao espaço M. As aspas abrem um novo espaço Base (B2), encaixado em M, na medida em que, no discurso direto parcial, o centro referencial é movido para um novo narrador, isto é, o porta-voz (p)⁴.

Tomando como ponto de partida a versão original da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), Sanders, Sanders e Sweetser (2009) propuseram uma versão significativamente mais sofisticada do modelo, que aqui será referida como versão BCSN (por motivos que serão esclarecidos em breve). O ponto de partida dessa versão é a necessidade de estabelecer uma separação clara entre evento interacional em si mesmo e o conteúdo efetivamente comunicado. Para entender esse ponto, consideremos uma sentença como “João tem 30 anos”. Na versão original do modelo, a informação associada a essa sentença é estruturada no Espaço Base. Isso se justifica pelo fato de se tratar de uma informação presente e real, que coincide com o aqui-e-agora dos interactantes. Ou seja: a Base é, ao mesmo tempo, o “lugar” onde estão os interlocutores, sujeitos de comunicação e conceptualização, e o espaço onde está o João, o objeto comunicado e conceptualizado. O problema reside, precisamente, na mistura entre esses dois planos. Embora, neste caso, exista (algum grau de) coincidência temporal entre eles, trata-se de níveis qualitativamente distintos: uma coisa é o ato de interação em que os interlocutores se alternam nos papéis de falante e ouvinte(s); outra é o conteúdo efetivamente conceptualizado e veiculado pelo discurso.

Essa separação é um dos pilares da versão BCSN. O plano da situação comunicativa (o aqui-e-agora interacional) tem sido chamado alternativamente de Centro Dêitico da Comunicação (SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009; 2012) e de *ground* (FERRARI; SWEETSER, 2012), termo também empregado na gramática langackeriana e definido da seguinte maneira: “O evento de fala, seus participantes e suas circunstâncias imediatas” (LANGACKER, 1991, p. 548). Por seu turno, o plano do conteúdo efetivamente comunicado/conceptualizado corresponde ao Domínio do Conteúdo (DC).

Esta, porém, não é a única inovação do modelo de Sanders, Sanders e Sweetser (2009). Para além de postular a separação entre o evento de fala e o Domínio do Conteúdo, os autores propõem ainda que o plano do evento de fala seja representado não como um único espaço mental, mas como uma *rede de espaços mentais interconectados*. Essa rede é referida no modelo como BCSN⁵ – sigla em inglês para *Rede de Espaços Comunicativos Básicos*.

A ideia de fragmentação (ou multiplicação) da base decorre, primariamente, do seguinte raciocínio. No modelo original da Teoria dos Espaços Mentais, o chamado Espaço Base apresenta

⁴ A sigla ID, que pode ser vista na figura 2, representa a existência de uma relação de identidade entre duas contrapartes de uma “mesma entidade” situadas em espaços mentais distintos. Essa notação é convencional na Teoria dos Espaços Mentais. Da mesma forma, é convencional o uso de uma mesma variável em dois espaços mentais distintos – um deles com “linha” e o outro não – como forma de marcar que dois referentes são contrapartes (isto é, referem-se, uma vez mais, à “mesma” entidade em espaços distintos). Na figura 2, esse expediente pode ser visto no cotejo entre os referentes h’, situado no Espaço B1, e h, situado no espaço M.

⁵ Optamos por manter a abreviação BCSN, que corresponde, em inglês, à expressão *Basic Communicative Space Network*.

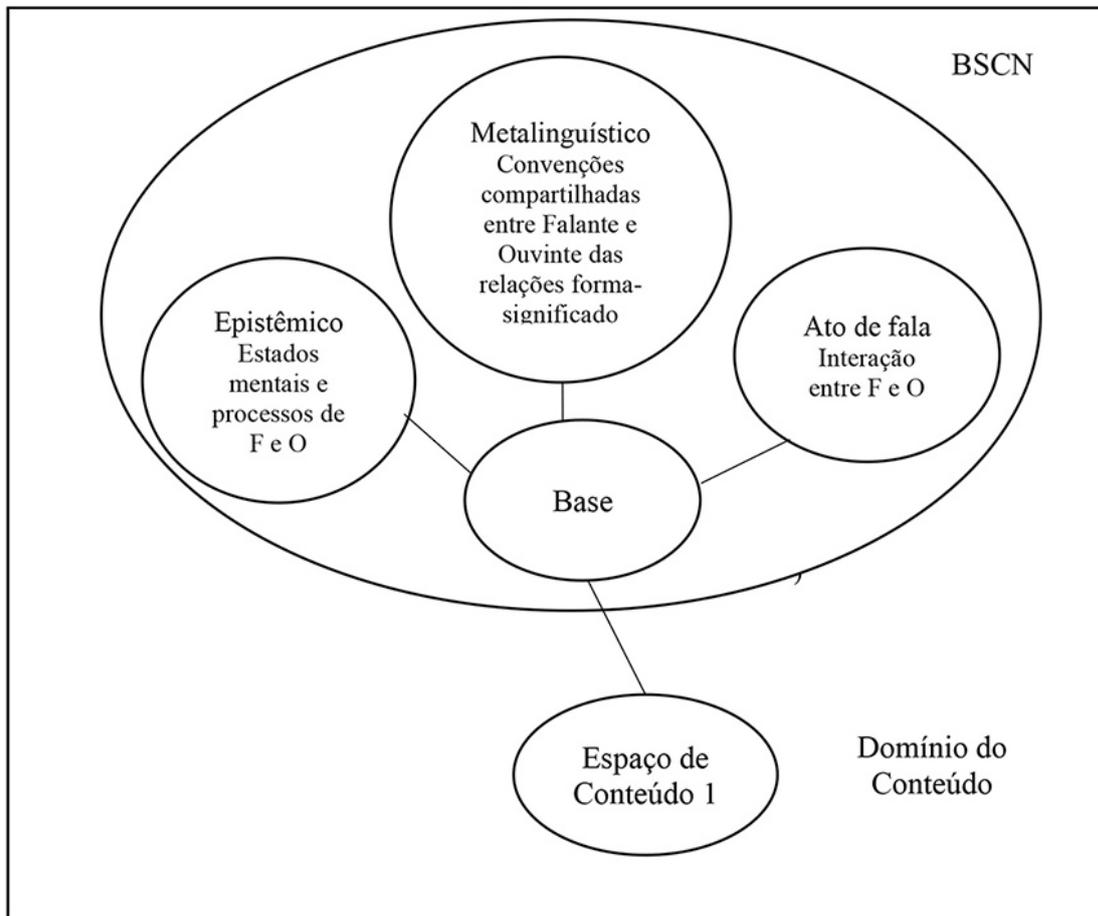
duas propriedades importantes: (i) é tratado como um espaço “evocado de graça” (“evoked for free”, nos termos de Sanders, Sanders e Sweetser (2009, p. 25)) – o que significa que ele está disponível por *default* em qualquer situação comunicativa, de maneira que sua evocação prescinde de um disparador linguístico; e (ii) inclui informações referentes aos parâmetros espaço-temporal do evento de fala. A ideia aqui é a de que essas informações implícitas e automaticamente disponíveis ancoram a interpretação do enunciado linguístico.

Os autores argumentam, porém, que esses parâmetros não são as únicas informações implícitas automaticamente disponíveis para ancorar a interpretação dos enunciados. No mínimo, eles sugerem, essa interpretação se ancora ainda em três tipos de conhecimentos compartilhados entre os interlocutores: conhecimento de mundo, conhecimento pragmático e conhecimento linguístico. Para dar conta desse fato, os autores sugerem que ao menos outros três espaços mentais devem ser postulados, juntamente com o Espaço Base original, no plano do evento de fala: (i) o Espaço Epistêmico, que inclui as crenças e processos de raciocínio do Falante e do Ouvinte; (ii) o Espaço de Ato de Fala, que inclui informações pragmáticas, como a moldura comunicativa e a força ilocucionária dos enunciados; e (iii) o Espaço Metalinguístico, que inclui formas linguísticas compartilhadas entre os interlocutores. Ferrari e Sweetser (2012, pp. 48-49) definem esses quatro espaços da seguinte maneira:

- (1) um Espaço Base/Ground, ou Espaço Real (cf. LIDELL, 1998, 2003): o Falante e Ouvinte reais no seu cenário espaço-temporal;
- (2) um ou mais Espaços Epistêmicos: os entendimentos das crenças e processos de raciocínio do Falante e do Ouvinte, que também funcionam como pano de fundo para a comunicação;
- (3) um Espaço de Ato de Fala relativo ao ato de fala performado (por exemplo, se se trata de uma afirmação ou uma pergunta);
- (4) um Espaço Metalinguístico, que inclui as formas linguísticas compartilhadas que podem ser referenciadas se os usos selecionados forem trazidos à consciência ou disputados. (FERRARI; SWEETSER, 2012, pp. 48-49).

Na versão BCSN, portanto, o ponto de partida é sempre um conjunto de espaços básicos interconectados, associados a diferentes tipos de conhecimentos atribuíveis aos interlocutores. É sempre a partir dessa rede que se constroem os Espaços de Conteúdo, nos quais são incluídas as informações efetivamente conceptualizadas e comunicadas.

A organização da BCSN pode ser esquematizada da seguinte forma:

Figura 3: Rede de Espaços Comunicativos Básicos (BCSN)

Fonte: adaptado de Ferrari e Sweetser (2012)

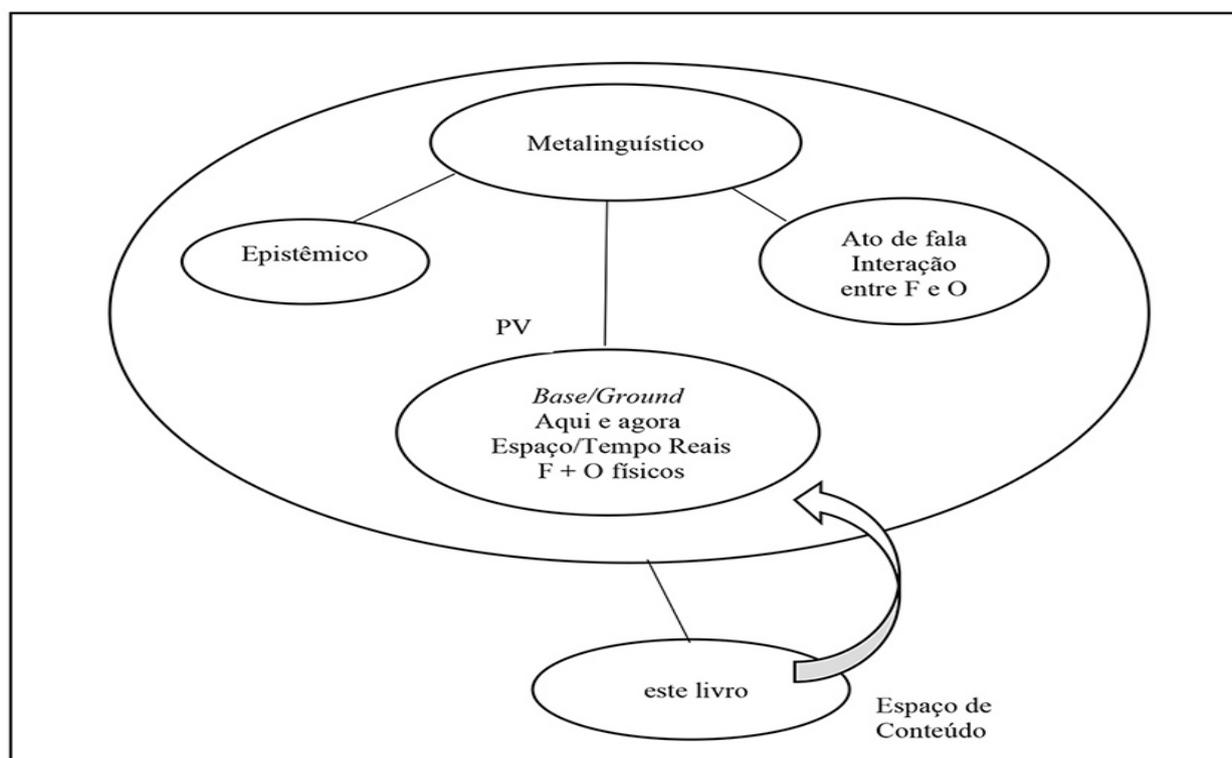
Em relação à organização dessa rede de espaços mentais, um ponto particularmente importante para os nossos propósitos é o de que pode haver, e frequentemente há, mais de uma BCSN na rede evocada por uma determinada sequência discursiva. Isso ocorre sempre que a própria sequência faz referência explícita a ações comunicativas de algum sujeito cognitivo. Nesses casos, para além da BCSN correspondendo ao aqui-e-agora da interação em curso, existe ainda, dentro do Domínio do Conteúdo, uma segunda BCSN, associada à situação comunicativa que está sendo comunicada. Como argumentam Sanders, Sanders e Sweetser (2009), essa possibilidade acrescenta uma complexidade adicional ao modelo:

Existe inevitavelmente uma proeminência especial para a Rede de Espaços Comunicativos Básicos, em oposição a outros espaços que são construídos como parte da rede – em sentido amplo, ela é o centro dêitico da rede de espaços mentais. O que torna isso complexo é o fato de que qualquer Sujeito de Consciência tem seu próprio Espaço Base; e qualquer Sujeito de Consciência que se comunique constrói essa sub-rede, e constitui um nexa dêitico potencial na rede de espaços mentais. Autores, narradores, falantes – cada um desses tem uma rede de espaços comunicativos. (SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009, p. 27)

A título de ilustração, pensemos em um exemplo como “João avisou que chegaria tarde”, em que se faz referência ao evento comunicativo do aviso. Por um lado, a informação relativa a esse evento faz parte do domínio do conteúdo, já que se trata de um dado que é tomado como objeto de comunicação explícita. Ao mesmo tempo, o próprio evento de aviso se constitui como uma situação comunicativa, de modo que nele havia interactantes com seus próprios conhecimentos acerca do evento de fala, os quais são capturados por meio dos diferentes espaços que compõem a BCSN. Sob essa ótica, a sentença “João avisou que chegaria tarde” envolve uma rede de espaços mentais com duas BCSNs: uma associada ao evento de produção desse enunciado e outra associada à situação comunicativa em que João dá um aviso. Esta segunda é, naturalmente, parte do Domínio do Conteúdo.

Como argumentam Ferrari e Sweetser (2012), a fragmentação do Espaço Base em uma rede de espaços interconectados abre a possibilidade para dar conta de diferentes fenômenos – em particular, aqueles ligados ao fenômeno da (inter)subjetificação – a partir da noção da Ponto de Vista, um primitivo discursivo caro à Teoria dos Espaços Mentais desde, pelo menos, Fauconnier (1997). Para ilustrar como o Ponto de Vista pode se deslocar na BCSN, retomaremos a construção dêitica *this book* (“este livro”), discutida por Ferrari e Sweetser (2012, pp. 52-53). Como destacam as autoras, o significado do dêitico locativo *this* (“este”) é construído no espaço de Conteúdo, a partir do Ponto de Vista da Base/*Ground*, conforme ilustrado a seguir:

Figura 4: Ponto de Vista na Base/*Ground* (dêitico “este”)

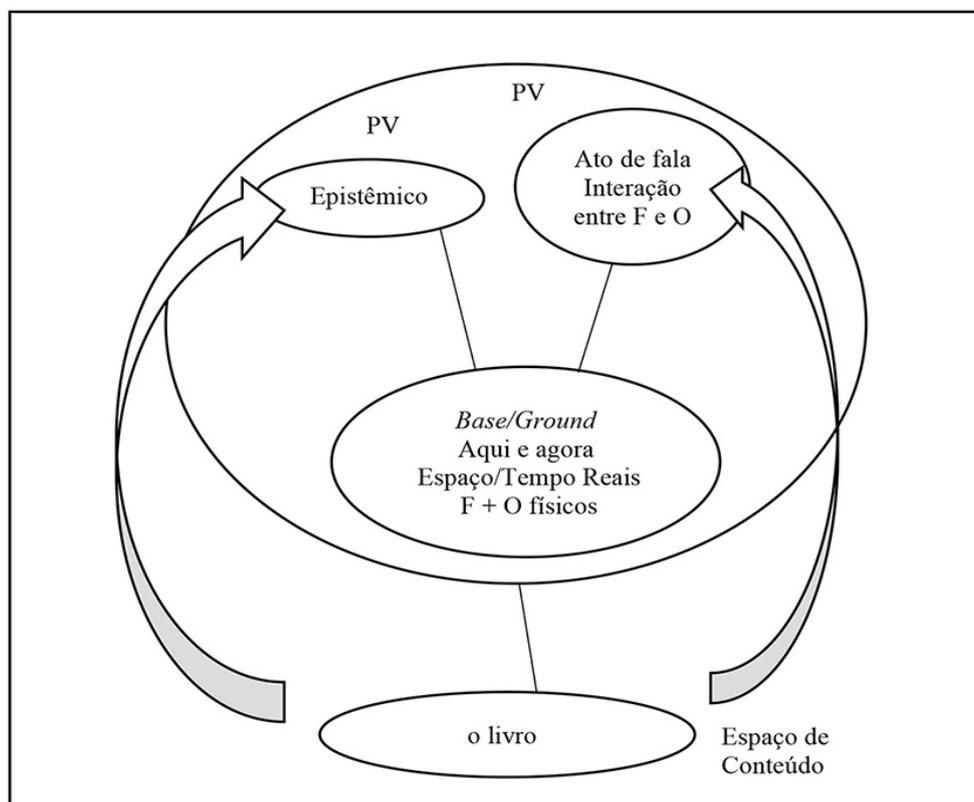


Fonte: adaptado de Ferrari e Sweetser (2012, p. 51)

A figura 4 indica que a interpretação do dêitico “este” envolve a localização do Ponto de Vista na Base/*Ground*, enquanto o Espaço de Conteúdo é o Foco primário, incluindo a referência ao objeto *livro*. A seta voltada para cima indica que o acesso a esse referente é obtido via referência à estrutura implícita (não mencionada) do Espaço Real de relações espaciais (Base/*Ground*). Isto é, uma sentença como “Este livro é azul” não coloca em proeminência a rede presumida de relações espaciais no *Ground*, e sim a entidade apontada pelo dêitico, mas deve ser interpretada a partir do ponto de vista do indivíduo situado no tempo-espço real do evento de fala.

Por outro lado, para ilustrar o deslocamento do Ponto de Vista para espaços mais implícitos da BCSN, Ferrari e Sweetser (2012) destacam o artigo definido “the” (“o/a”), como no caso da construção nominal *the book* (o livro):

Figura 5: Ponto de Vista em espaços mais implícitos da BCSN (“o livro”)



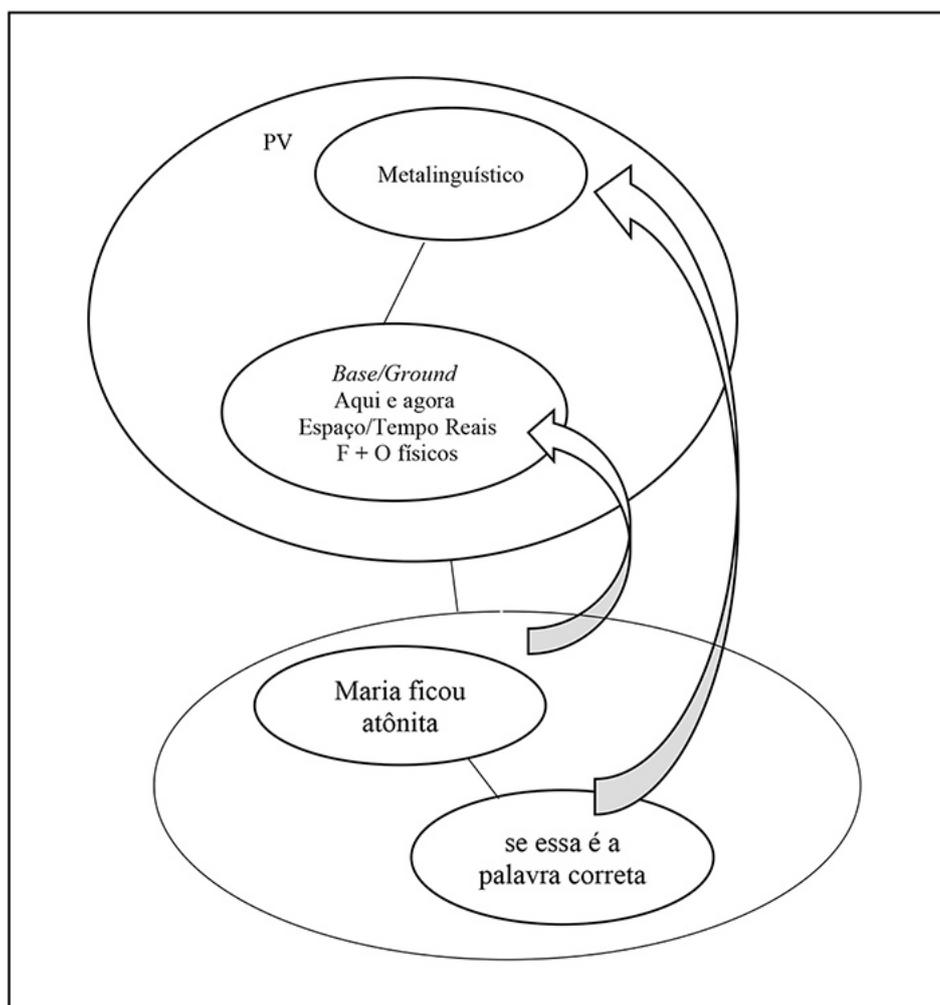
Fonte: adaptado de Ferrari e Sweetser (2012, p. 52)

Como representado na figura 5, a interpretação do artigo envolve referência implícita aos espaços menos acessíveis de estruturas cognitivas e discursivas associadas a ambos, o Espaço Epistêmico e o Espaço de Ato de Fala. Em outras palavras, essa representação captura o fato de que a interpretação do artigo evoca implicitamente o conhecimento dos interlocutores acerca da *disponibilidade cognitiva* de um referente no *registro do histórico conversacional* (e não sua disponibilidade visual no contexto físico imediato). Nesse caso, portanto, o ponto de vista a partir do qual a referência é

acessada situa-se, como mostra a figura 5, no Espaço Epistêmico (associado ao conhecimento acerca do universo mental dos interlocutores) e no Espaço de Ato de Fala (associada ao conhecimento sobre o histórico conversacional)⁶.

Com relação ao deslocamento de Ponto de Vista para o espaço Metalinguístico, consideremos uma sentença “Maria ficou atônita, *se essa é a palavra correta*”. Nesse caso, a prótase condicional estabelece uma referência implícita ao Espaço Metalinguístico, na medida em que envolve acesso ao conhecimento dos interlocutores acerca de um signo linguístico (o adjetivo “atônito”), que é parte do seu léxico mental. Essa situação está representada no diagrama a seguir:

Figura 6: Ponto de Vista em espaços mais implícitos da BCSN (“*se essa é a palavra correta*”)



Fonte: Elaboração dos autores

⁶ Existe uma certa flutuação na literatura em relação ao espaço mental onde se representa o histórico do registro conversacional. Aqui, na esteira do que propõem de Ferrari e Sweetser (2012), nós o representamos no Espaço de Ato de Fala. As próprias autoras reconhecem, contudo, a possibilidade de postulação de um Espaço Metatextual, que passaria a incluir essa informação (de maneira que, nesse caso, o Espaço de Ato de Fala passaria a incluir apenas informações relativas à moldura comunicativa e aos atos de fala performados). Essa solução é adotada, por exemplo, em Pinheiro e Ferrari (2017) e Ferrari e Almeida (2015). Esse ponto, contudo, não é diretamente relevante para este estudo, dado que, como mostraremos, o espaço mental da BCSN associado ao uso das aspas é o Espaço Metalinguístico.

A figura 6 representa o fato de que, enquanto a cláusula principal da construção condicional (“Maria ficou atônita”) adota a *Base/Ground* como Ponto de Vista, na medida em que constrói um Espaço de Conteúdo Passado em relação aos parâmetros espaço-temporais reais do evento de fala, a prótase condicional (“se essa é a palavra correta”) constitui um comentário metalinguístico referente à palavra “atônita”, utilizada para descrever o estado psicológico de Maria. Nesse caso, portanto, assim como no exemplo representado na figura 5, o significado é construído simultaneamente a partir de dois pontos de vista distintos: o Espaço Base real (*Base/Ground*) e o Espaço Metalinguístico. Aqui, vale reforçar que só se postula a existência do Ponto de Vista no Espaço Metalinguístico porque – em consonância com a definição proposta por Ferrari e Sweetser (2012, pp. 48-49) e citada mais acima – algum aspecto referente às próprias formas linguísticas é mencionado *de maneira explícita* e, portanto, “trazido à consciência”. Isto é: embora a interpretação de qualquer enunciado pressuponha o acesso ao conhecimento lexical e gramatical dos interlocutores, só se assume que o PV está situado no Espaço Metalinguístico nos casos em que as escolhas léxico-gramaticais são explicitamente colocadas em questão⁷.

Como veremos, neste estudo, a versão da Teoria dos Espaços desenvolvida originalmente por Sanders, Sanders e Sweetser (2009), que se caracteriza essencialmente pela inserção da BCSN, será fundamental para que se possa oferecer um tratamento unificado para o emprego das aspas em termos de deslocamento do Ponto de Vista.

2. Metodologia

Os procedimentos metodológicos do estudo incluem a seleção dos dados, os objetivos e as hipóteses da pesquisa. Com relação aos dados, embora o uso de aspas possa ser verificado em diferentes contextos e gêneros textuais, optou-se pela utilização de textos jornalísticos e, mais especificamente, de manchetes jornalísticas, com o objetivo de obter dados mais regulares e homogêneos. Sendo assim, foram reunidas 125 manchetes retiradas das páginas principais (“Homes”) dos sites UOL (<https://www.uol.com.br>) e G1 (<https://g1.globo.com>) no período de abril a agosto de 2023.

A pesquisa objetiva fornecer uma explicação unificada para o uso de aspas, com base na hipótese geral de que esse sinal gráfico sinaliza uma mudança de Ponto de Vista. Em particular, argumentaremos que, na conceptualização do significado de sequências marcadas por aspas, o Ponto de Vista pode se deslocar para espaços criados a partir da *Base/Ground* ou para espaços mais implícitos, que fazem parte da BCSN.

⁷ A associação entre domínio metalinguístico / espaço metalinguístico, de um lado, e referência explícita a escolhas lexicais ou gramaticais, de outro, está presente desde a chamada “teoria dos domínios” (“domain theory”), teorização que permitiu originalmente a classificação de orações condicionais nos domínios de conteúdo, epistêmico, de ato de fala e metalinguístico. Essa teoria foi desenvolvida sobretudo por Eve Sweetser e Barbara Dancygier (DANCYGIER; SWEETSER, 2005; SWEETSER, 1999; DANCYGIER, 1998) e se constitui como um antecedente histórico direto da versão BCSN da Teoria dos Espaços Mentais.

3. Análise

De acordo com os dados coletados, as aspas em manchetes jornalísticas ocorrem em contextos de discurso reportado e de linguagem figurada. A seguir, a distribuição do uso de aspas nesses contextos é apresentada:

Tabela 1: Contextos de uso de aspas em manchetes jornalísticas

TIPOS DE USO	Frequência	%
Discurso reportado	79	63,20%
Linguagem figurada	46	36,80%
Total	125	100%

Fonte: Elaboração dos autores

Como indica a tabela 1, a ocorrência de aspas para sinalizar discurso reportado é mais frequente nos dados, embora as aspas também sejam usadas para indicar linguagem figurada com relativa frequência.

A seguir, cada uma das estratégias será discutida e exemplificada.

3.1. Mudança de Ponto de Vista no discurso reportado

A sinalização de mudança de Ponto de Vista ocorre quando o redator reporta a fala de uma outra pessoa por meio de discurso direto ou de discurso direto parcial. Sendo assim, o que se apresenta entre aspas deixa de estar associado ao ponto de vista do jornalista, e passa a sinalizar o ponto de vista do falante reportado⁸. Em termos quantitativos, observou-se a seguinte distribuição nos dados:

Tabela 2: Tipos de discurso reportado e uso de aspas

DISCURSO REPORTADO	Frequência	%
Discurso direto	46	58,23%
Discurso direto parcial	33	41,77%
Total	70	100%

Fonte: Elaboração dos autores

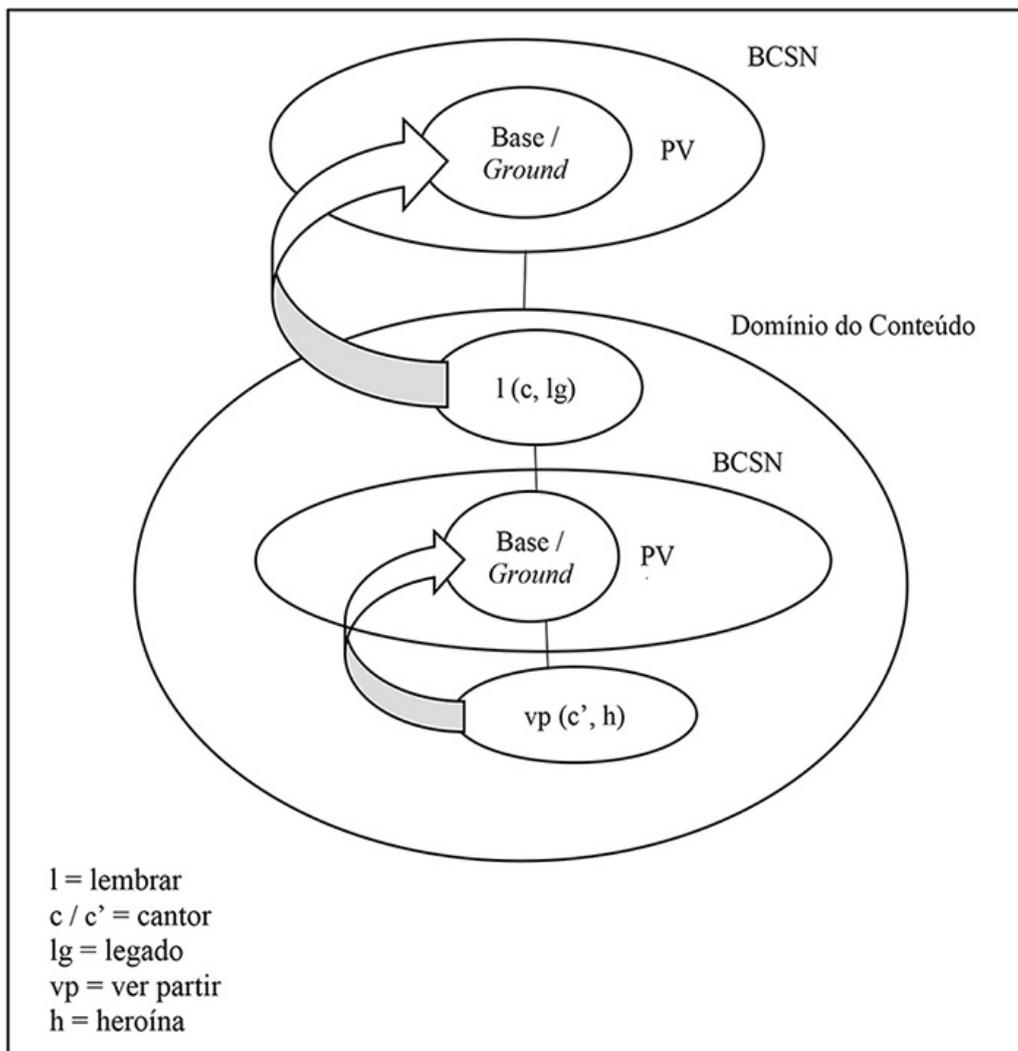
Como ilustra a tabela 2, embora o discurso direto parcial apresente frequência em torno de 40%, a ocorrência mais frequente é aquela em que a manchete reproduz uma sentença emitida pelo falante reportado em moldes de discurso direto:

⁸ Na fala, Coutinho e Rocha (2016) mostraram que, na ausência de verbo *dicendi*, o discurso reportado tende a ser sinalizado por meio de “pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada” (COUTINHO; ROCHA, 2016, p. 185). Já no discurso indireto livre, segundo os mesmos autores, a voz do outro seria sinalizada pela presença de F0 “mais alta na unidade reportada e não na unidade ‘introdutora’” (COUTINHO; ROCHA, 2016, p. 185). As aspas funcionariam, então, como recurso gráfico correspondente ao recurso prosódico da pausa (no contexto de discurso reportado). Do ponto de vista pragmático, vale notar ainda que os discursos reportados canônico e fictivo parecem desempenhar funções bastante específicas na organização do discurso (ROCHA; SILVA, 2023; ROCHA, 2020). Esse ponto, porém, foge ao escopo deste artigo.

(3) Cantor lembra legado: “Vendo essa heroína partir”

Em (3), o jornalista reproduz a fala de um determinado cantor no velório da mãe. O Ponto de Vista, portanto, se desloca da Base/Ground dos interactantes para uma nova Base/Ground, correspondente ao espaço-tempo do velório.

Figura 7: Representação de discurso direto



Fonte: Elaboração dos autores

Como mostra a figura 7, a sentença “Cantor lembra legado” deve ser interpretada com base nos parâmetros espaço-temporais do evento de fala, o que significa que, nesse momento do desenvolvimento do fluxo discursivo, o PV se localiza na Base/Ground. Ao mesmo tempo, à luz do modelo original da Teoria dos Espaços Mentais, diríamos que essa sentença leva à abertura de um novo espaço mental por meio da forma verbal “lembra”, que funciona como *space builder*. Este seria algo como um “Espaço da memória” ou “Espaço do discurso reportado”.

Na versão BCSN, contudo, conforme observado na seção 1, assume-se que cada sujeito cognitivo citado em uma narrativa tem sua própria rede de espaços básicos. Assim, a menção, por meio do verbo “lembrar”, a um outro evento de fala dispara uma nova rede de espaços básicos, associada a evento. Em outras palavras, a partir desse ponto os interactantes passam a conceptualizar não apenas a situação comunicativa na qual eles se encontram, que ancora em última instância a totalidade do discurso sendo veiculado, mas também uma situação comunicativa alternativa, cujo discurso está sendo reportado.

Naturalmente, essa segunda rede de espaços básicos, subordinada à primeira, inclui uma *Base/Ground*, que define os parâmetros espaço-temporais do evento reportado. Ao mesmo tempo, conforme já comentamos na seção 1, a versão BCSN da Teoria dos Espaços Mentais requer a separação entre a situação comunicativa e o conteúdo comunicado. Por essa razão, a situação verbalizada pelo ator, e expressa por meio de uma cláusula encaixada, deve ser representada em um espaço subordinado à segunda rede de espaços básicos. É precisamente essa configuração que está representada na figura 7.

Como se sabe, o discurso reportado, por definição, presentifica o evento designado. Uma evidência disso, no exemplo em questão, é o fato de que, se o verbo auxiliar estivesse explícito, ele necessariamente deveria estar no presente: “estou vendo essa heroína partir”. Isso significa que o evento denotado pela sequência entre aspas é construído a partir da *Base/Ground* inserida no Domínio de Conteúdo – isto é, a *Base/Ground* da rede de espaços básicos do cantor (e não a do jornalista). Para representar esse fato, o PV está posicionado nessa *Base/Ground*, como se pode ver na figura 7.

O exemplo (4) é bastante semelhante. Aqui, contudo, é interessante notar que, embora o uso de aspas indique que a sentença é reportada, ela não é introduzida por uma sentença reportadora prototípica:

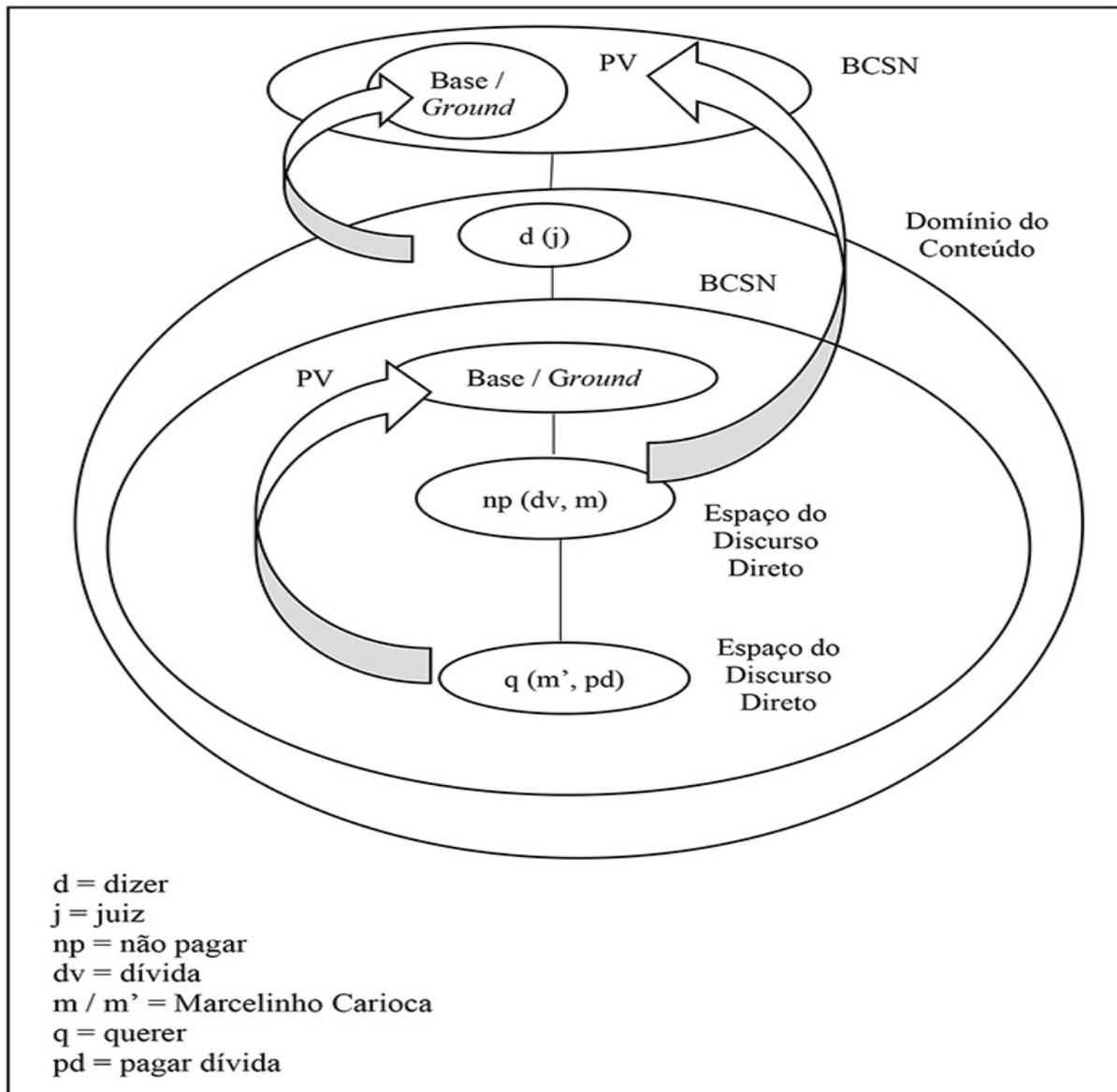
- (4) ‘Você não tem cara de autista’: estereótipos geram preconceito (G1, 2/4/23)

Em (4), as aspas na cláusula *você não tem cara de autista* permitem a interpretação de que a sentença é reportada. Além disso, por não ser introduzida por uma sentença reportadora prototípica, mas estar associada à generalização *estereótipos geram preconceito*, produz-se a inferência de que se trata de um comentário *normalmente*, ou tipicamente, verbalizado por pessoas em geral.

Por sua vez, o discurso direto parcial, em que as aspas selecionam apenas trechos menores do que uma cláusula, pode ser assim ilustrado:

- (5) Juiz diz que Marcelinho Carioca não paga dívida ‘porque não quer’

A mudança de PV, no exemplo (5), pode ser assim representada:

Figura 8: Representação de discurso direto parcial

Fonte: elaboração dos autores

Na figura 8, o evento denotado pela cláusula principal está representado no primeiro espaço mental incluído no Domínio do Conteúdo. Ao mesmo tempo, o verbo “diz”, na medida em que evoca uma situação comunicativa alternativa (diferente daquela associada ao aqui-e-agora dos interactantes) abre, dentro do mesmo Domínio do Conteúdo, uma nova BCSN, referente ao evento de fala que tem o juiz – e não mais o jornalista – como falante. Ao mesmo tempo, o complementizador “que” abre um espaço de relato, rotulado acima como Espaço do Discurso Indireto. Nesse espaço, é construído o evento referente ao conteúdo relatado pelo juiz, qual seja, o evento denotado por “(Marcelinho Carioca) não paga a dívida”. Note-se que tanto esse evento quanto o evento do relato são construídos a partir de um Ponto de Vista situado na Base/Ground dos interactantes.

A situação fica mais complexa, contudo, quando se passa para a cláusula causal “porque não quer”. Aqui, as aspas marcam o fim do discurso indireto e o início do discurso direto (parcial). Essa cláusula, portanto, abre um novo espaço mental, encaixado no espaço anterior. Conforme já comentamos, o discurso direto presentifica o evento relatado, alterando o centro referencial da interpretação. Isso é capturado no modelo pela migração do PV da Base/*Ground* dos interactantes para a Base/*Ground* do relato, na qual o falante é o juiz, conforme representado na figura 8º.

3.2. Mudança de PV na linguagem figurada

O uso de aspas pode sinalizar a mudança de PV associada a processos figurativos (metafóricos e metonímicos). Em termos quantitativos, os dados apresentaram a seguinte distribuição:

Tabela 3: Processo figurativo e uso de aspas

LINGUAGEM FIGURADA	Frequência	%
Metáfora	18	39,13%
Metonímia	28	60,87%
Total	46	100%

Fonte: Elaboração dos autores

As frequências de uso de aspas em metáforas e metonímias demonstram que, ao menos no contexto investigado, a sinalização de usos metonímicos é mais comum (60,87%), embora a sinalização de metáforas não seja irrelevante, correspondendo a quase 40% dos casos.

Aqui, argumentaremos que, assim como se viu nos casos de discurso reportado, também nos casos de linguagem figurativa as aspas sinalizam mudança de ponto de vista – isto é, funcionam como uma instrução para que o interlocutor construa a situação ou entidade denotado a partir de uma perspectiva que não corresponde à da Base/*Ground* real. Neste caso, contudo, conforme argumentaremos, o ponto de vista não flutua *para baixo*, em direção ao Domínio do Conteúdo, e sim *para cima*, em direção a espaços mentais mais implícitos da BCSN (FERRARI; SWEETSER, 2012).

Começamos pelos casos de metáfora. Como se sabe, metáforas envolvem correspondências entre dois domínios cognitivos (um domínio-fonte e um domínio-alvo). Por exemplo: em (6), estabelece-se uma correspondência entre os domínios do *surf* e da alimentação; em (7), estabelece-se uma correspondência entre os domínios do catolicismo e da viagem/jornada. Em ambos os casos, o segundo domínio (domínio-fonte) é usado para estruturas do primeiro (domínio-alvo)¹⁰.

⁹ Vale destacar que, embora as aspas sinalizem Ponto de Vista no Espaço do Discurso Direto, o verbo “querer” na 3ª pessoa do singular (“quer”), e não na 1ª (“quero”), também indica Ponto de Vista no Espaço do Discurso Direto. Sendo assim, nesse caso, é provável que haja mesclagem de Pontos de Vista – uma possibilidade amplamente reconhecida na literatura (PINHEIRO; FERRARI, 2017; NIKIFORIDOU, 2012; SWEETSER, 2012). O tratamento desse fenômeno, entretanto, foge ao escopo do presente trabalho, e deverá ser abordado em pesquisas futuras.

¹⁰ As metáforas podem ser classificadas em analógicas ou primárias (GRADY, 1997). Nos dados, entretanto, só foram encontradas aspas em metáforas analógicas. Tendo em vista que essas metáforas envolvem mesclagem conceptual,

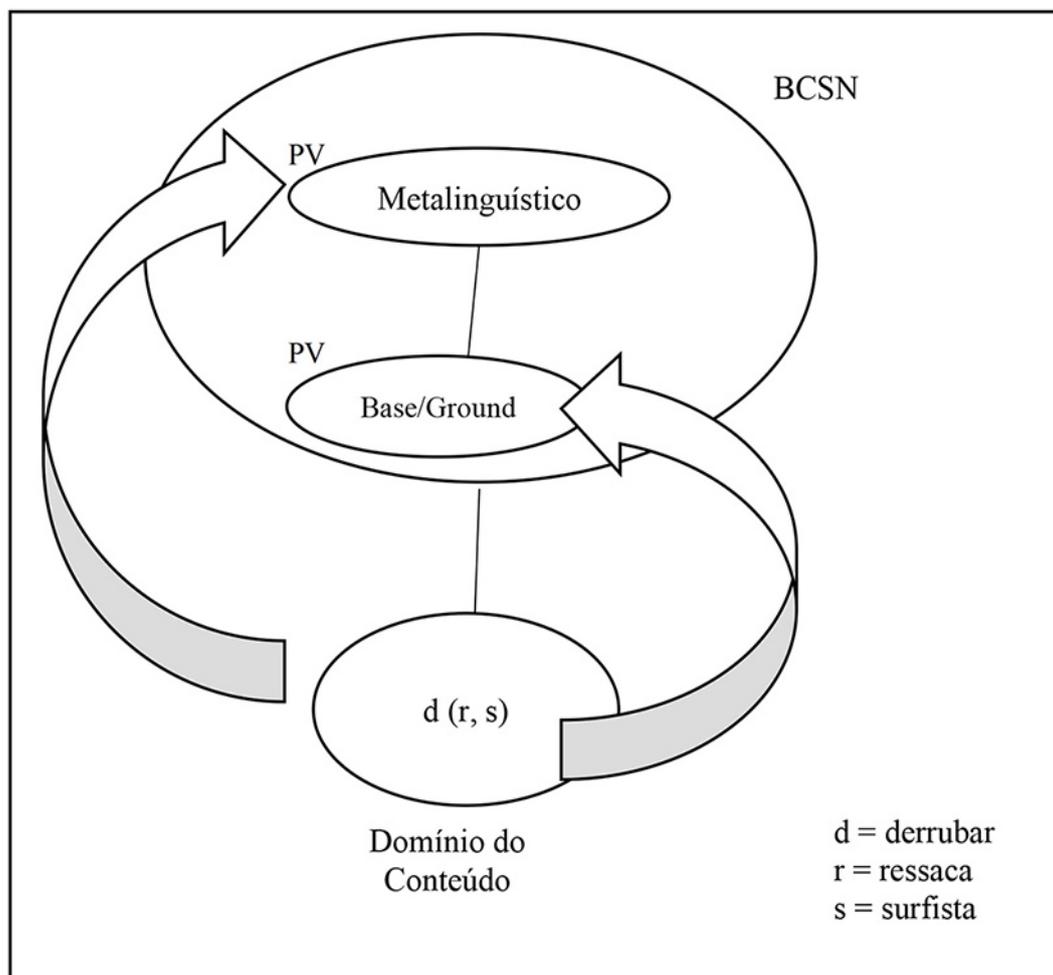
- (6) Ressaca “engole” surfistas na praia de Itacoatiara, no Rio (G1, 2/4/2023)
- (7) Um dia após deixar hospital, Papa inicia “maratona” até a Páscoa (UOL 2/4/2023)

Como se observa, no exemplo (6), o verbo “engolir” não é usado no sentido literal que faz referência à “ingestão de alimento por um ser vivo”. De forma análoga, em (7), o nome “maratona” não denota um evento de deslocamento espacial. Em ambos os casos, portanto, o uso é claramente metafórico. Em (6), a queda de surfistas, causada pelas ondas em um mar de ressaca, é conceptualizada metaforicamente como a ação de “engolir”, realizada por um agente intencional, o que é capturado por meio da metáfora DERRUBAR É ENGOLIR. Em (7), a sequência de celebrações a ser realizada pelo papa é conceptualizada metaforicamente como uma corrida de longa duração; assim, ocorre compressão dos papéis de *maratonista* e de *Papa*, como também da *maratona* propriamente dita e da *série de celebrações* que o pontífice realizará até a Páscoa (concebida como *ponto de chegada*). Essa ideia é capturada pelo mapeamento SÉRIE DE CELEBRAÇÕES É MARATONA.

Aqui, argumentamos que as aspas funcionam, nesse caso, como um comentário metalinguístico: elas informam ao leitor que o significado relevante para o termo destacado não corresponde a sua acepção literal (nesse sentido, elas equivalem, grosso modo, a uma instrução do tipo “não interprete esse termo literalmente”). Evidentemente, a existência da metáfora é, em si mesma, independente das aspas. Isto é, mesmo que as sentenças em (6) e (7) fossem escritas sem aspas (ou pronunciadas sem nenhum gesto ou marca prosódica que desempenhasse a função das aspas), os leitores tipicamente atribuiriam às palavras destacadas um significado figurativo. No entanto, a presença das aspas sinaliza explicitamente, por meio de um elemento material, o fato de que o significado a ser atribuído deve ser não literal.

Na seção 1, observamos que a cláusula condicional “se é que essa é a palavra certa” requer que se assuma a existência de um PV no Espaço Metalinguístico, na medida em que se trata de uma reflexão metalinguística textualmente explícita. Ora, se, nos exemplos (6) e (7), as aspas também constroem uma reflexão metalinguística, então também aqui é necessário assumir a presença de um PV no Espaço Metalinguístico. Começemos por (6):

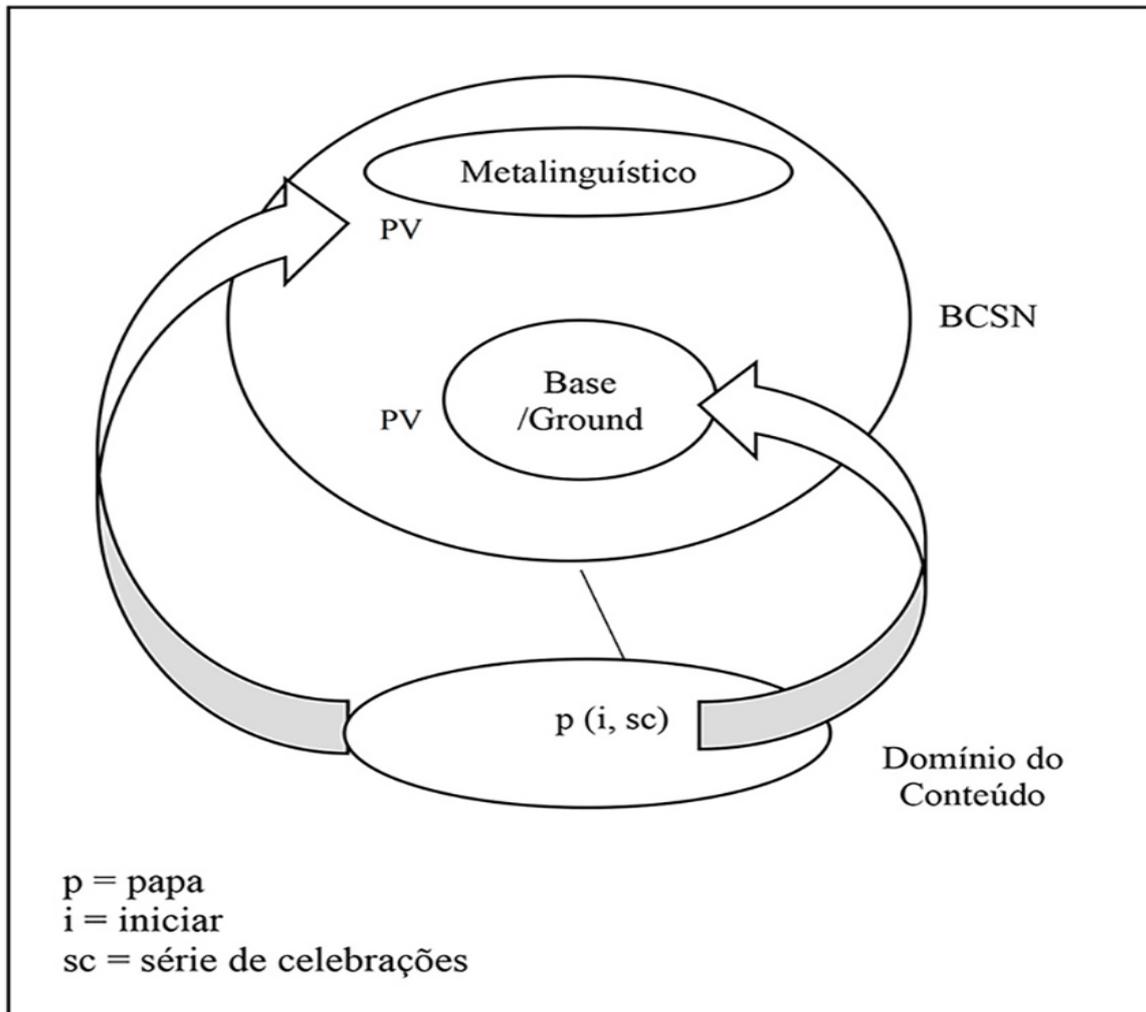
enquanto as primárias envolvem uma relação de contiguidade entre diferentes domínios na experiência corporal e sensório-motora, é possível que a mudança de Ponto de Vista esteja relacionada ao processo de mesclagem (que envolve analogia) e, por isso, apenas as metáforas analógicas motivem o uso de aspas. O desenvolvimento desse tema, entretanto, foge ao escopo do presente trabalho

Figura 9: Ponto de Vista e metáfora – ex (6)

Fonte: Elaboração dos autores

Neste caso, de forma perfeitamente análoga ao que se viu na figura 6 (seção 1), temos uma mesma situação sendo construída a partir de dois Pontos de Vista: um PV situado na Base / *Ground* e outro situado no Espaço Metalinguístico. Essa representação captura, de forma apropriada, o seguinte fato: o evento *ressaca derrubar surfista* (que corresponde ao fato efetivamente comunicado, e por isso se encontra no Domínio do Conteúdo) deve ser interpretado levando-se em conta (i) a localização espaço-temporal dos interlocutores no cenário real da interação (conforme sinalizado pela marca morfológica de presente do indicativo – um morfema zero) e (ii) o conhecimento metalinguístico do falante (conforme sinalizado pelas aspas).

A análise do exemplo (7) é essencialmente idêntica. Aqui, o termo “maratona” não é usado em seu sentido prototípico para indicar uma corrida realizada em ruas e estradas, mas adquire sentido metafórico. Desse modo, assim como (6), aqui as aspas funcionam como um comentário metalinguístico aproximadamente equivalente a “não interprete a palavra ‘maratona’ em sentido literal”.

Figura 10: Ponto de Vista e metáfora – ex. (7)

Fonte: Elaboração dos autores

A figura 10 captura a ideia de que o significado de (7) deve ser conceptualizado a partir de dois Pontos de Vista simultâneos: um PV localizado na Base / Ground e outro no Espaço Metalinguístico. Essa representação traduz a ideia de que diferentes marcas formais dos enunciados instruem o leitor a acessar diferentes componentes da BCSN: enquanto o sufixo modo-temporal de presente (aqui, novamente, um morfema zero) instrui o leitor a acessar informações referentes aos parâmetros temporais do evento de fala, as aspas instruem o leitor a acessar seu conhecimento metalinguístico.

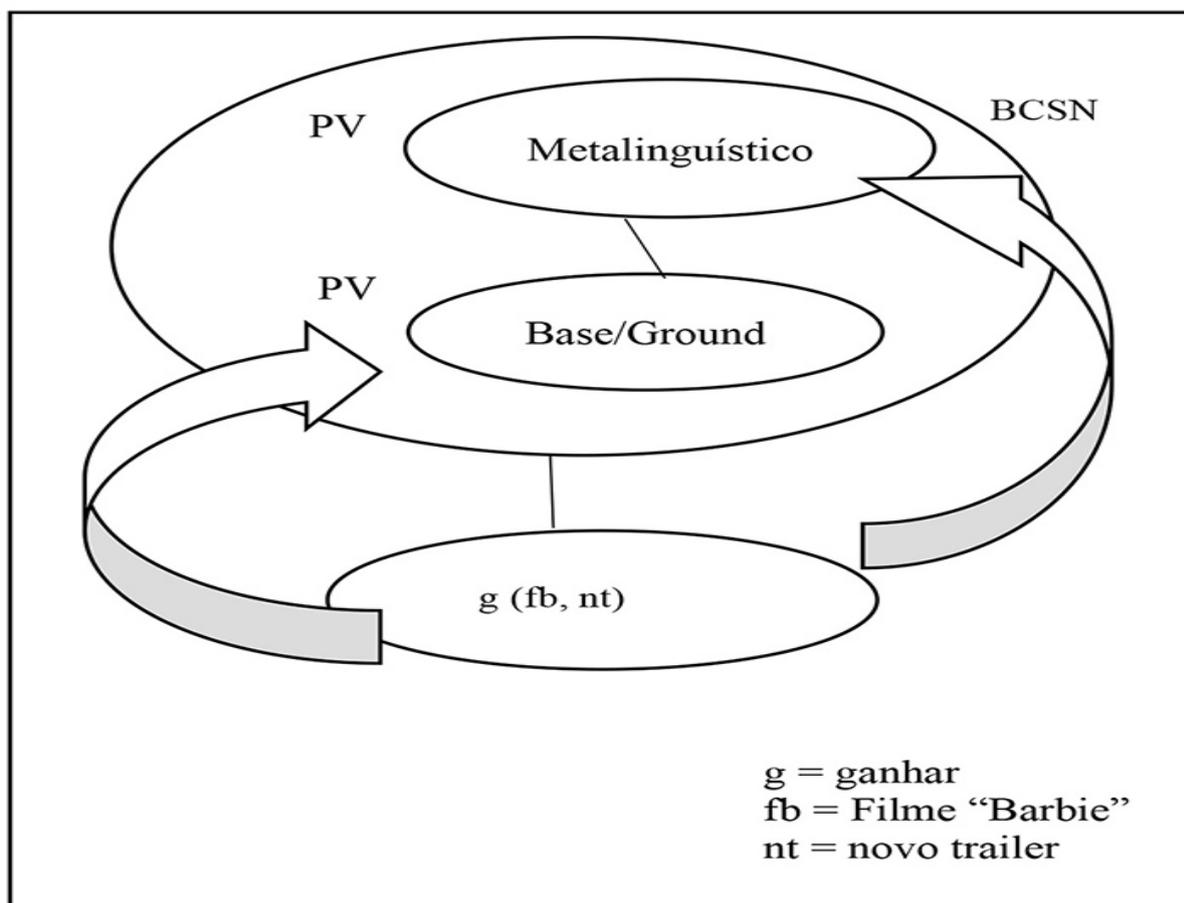
Passemos agora para os casos de metonímia. Como se sabe, a metonímia é um processo conceptual que se ancora na existência de uma relação de contiguidade entre o veículo e o alvo em um mesmo domínio-matriz. Observemos o seguinte exemplo:

(8) ‘Barbie’ ganha novo trailer com mais detalhes da história

Em (8), o veículo *Barbie* indica o alvo *filme protagonizado pela personagem Barbie*. Isto é, estamos diante de um processo mental de substituição no qual um elemento de um domínio-matriz (Barbie) é usado em referência a outro elemento do mesmo domínio-matriz (filme da Barbie). Aqui, portanto, temos uma metonímia que pode ser formulada como PROTAGONISTA POR FILME. Graças a esse processo, a palavra “Barbie” deixa de ser interpretada como o nome de uma boneca e passa a ser interpretada, no contexto em questão, como título de uma obra.

Em usos como (8), portanto, a função das aspas é idêntica àquela identificada para os casos de usos metafóricos: trata-se de *sinalizar para o interlocutor que a palavra destacada não deve ser interpretada literalmente*. Sendo assim, também aqui as aspas funcionam como um comentário metalinguístico relativo à interpretação semântica do elemento destacado. A representação em espaços mentais, de acordo com o modelo BCSN, pode ser vista na figura 11:

Figura 11: Ponto de Vista e metonímia



Fonte: Elaboração dos autores

Como indica a figura 11, também aqui estamos diante de uma situação análoga à da figura 6 – isto é, uma situação na qual um mesmo cenário é construído a partir de dois PVs distintos, ambos situados na BCSN. Especificamente, o morfema modo-temporal instrui o leitor a posicionar o PV na *Base/Ground*, ao passo que as aspas instruem o leitor a posicionar o PV no Espaço Metalinguístico (caso não o fizesse, a referência seria a boneca denominada *Barbie*, e não o filme¹¹).

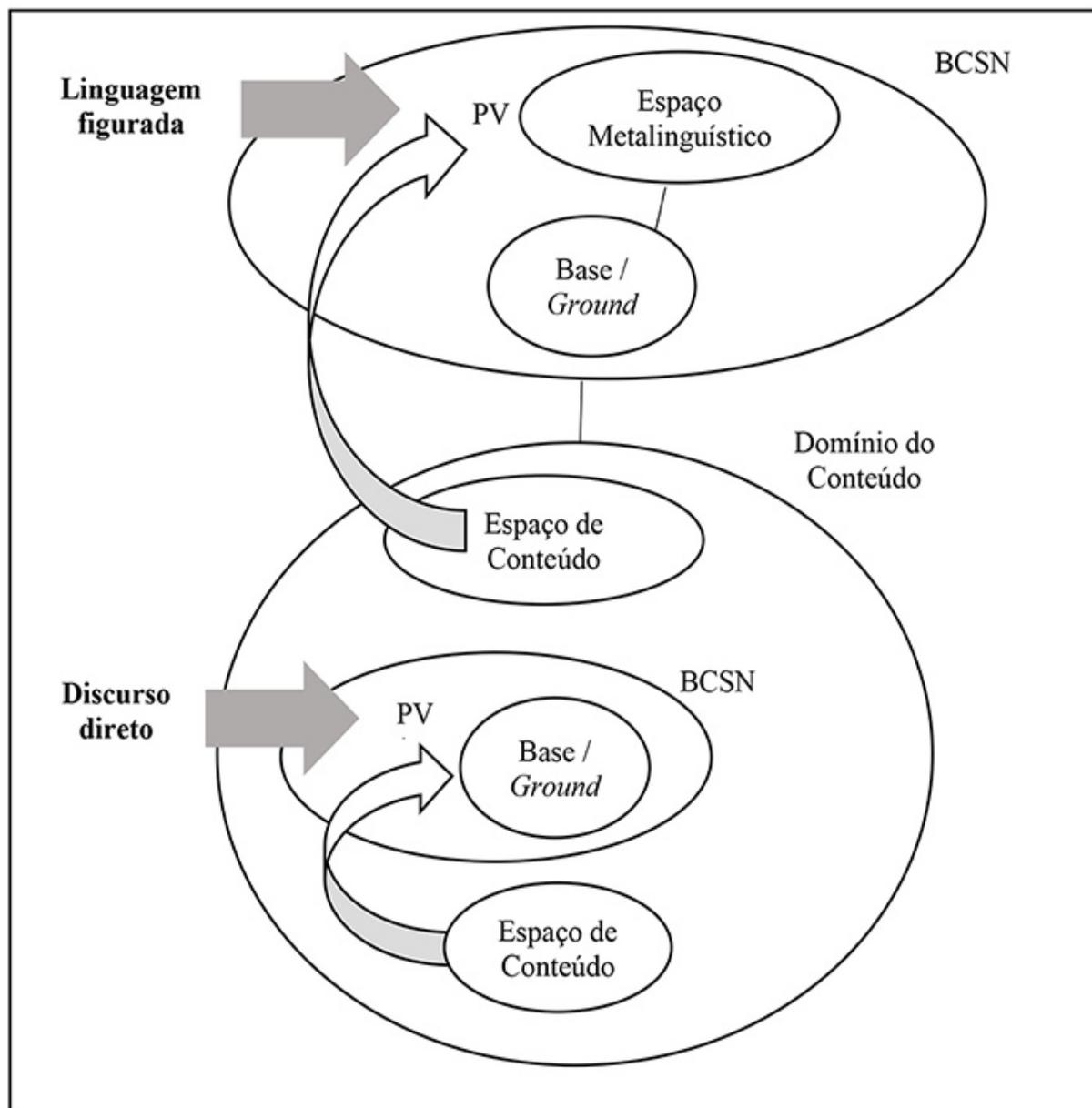
3.3. Síntese: unificando discurso reportado e figuratividade

Nas seções anteriores, argumentamos que os dois casos de usos de aspas identificados na nossa análise – discurso reportado e linguagem figurada – envolvem a postulação de um ponto de vista não canônico, isto é, situado fora da *Base/Ground* real dos interactantes. Por outro lado, o ponto da rede de espaços mentais onde esse PV está situado varia em cada caso: no primeiro, ele é representado no Domínio do Conteúdo; no segundo, ele é posicionado no Espaço Metalinguístico.

Assim, se assumirmos, como é praxe na literatura em Teoria dos Espaços Mentais, que o PV *default* se situa no aqui-e-agora da interação (que, na versão BCSN, corresponde à *Base/Ground* dos interlocutores), o que se verifica é que cada uma das motivações para uso das aspas identificadas na nossa análise é a “imagem em negativo” da outra: no caso do discurso direto, o PV associado às aspas está *fora da BCSN dos interactantes*, mas ainda *dentro de uma Base/Ground*; quando se tem linguagem figurada, o PV associado às aspas está *dentro da BCSN dos interactantes*, mas *fora da Base/Ground*. Essa representação permite, portanto, capturar, de forma unificada, a intuição de que as aspas representam algum tipo desvio em relação à interpretação *default*, conforme se vê abaixo:

¹¹ Em essência, essa análise se aplica a todos os casos em que tradicionalmente se afirma que as aspas servem para indicar “título de obra” (livros, peças, filmes, etc), mesmo quando não há um processo metonímico. Por exemplo, as aspas em *Eu gosto de “Tudo sobre a minha mãe”* sinalizam que a sequência “Tudo sobre a minha mãe” não deve receber a interpretação composicional canônica (algo como *todos os fatos e/ou atributos relativos à mãe do falante*). Nesse sentido, exatamente como no caso de “Barbie” descrito acima, as aspas funcionam como um convite metalinguístico ao interlocutor para que ele considere uma leitura não canônica da sequência linguística em questão. Assim, também neste caso, o que isso significa, à luz do modelo de Sanders, Sanders e Sweetser (2009), é que a expressão deve ser interpretada não a partir da *Base/Ground*, mas a partir do Espaço Metalinguístico.

Figura 12: PV e usos de aspas: uma síntese



Fonte: elaboração dos autores

4. Considerações finais

Este trabalho enfocou o uso de aspas em manchetes jornalísticas do português brasileiro, com o objetivo de investigar as motivações cognitivas para o fenômeno. A análise dos dados evidenciou que o uso de aspas reflete processos de mudança de Ponto de Vista, que podem estar associados ao discurso reportado – mais especificamente, discurso direto e discurso direto parcial –, bem como a processos figurativos metafóricos e metonímicos.

Em linhas gerais, os resultados encontrados confirmam propostas já apresentadas na literatura que definem as aspas como marcadores pragmáticos mínimos que bloqueiam a interpretação prototípica da expressão a que se aplicam. A contribuição do trabalho reside, entretanto, na formulação de um tratamento cognitivista unificado para o fenômeno, que associa o bloqueio da interpretação prototípica da expressão ao processo cognitivo de mudança de Ponto de Vista.

Conforme argumentamos, nesse processo, o PV se desloca do espaço do jornalista (*Base/Ground*) para outros espaços disponíveis na configuração de espaços mentais. Mais especificamente, a análise evidenciou que a mudança de PV em manchetes jornalísticas ocorre em dois contextos principais: discurso reportado (discurso direto e discurso direto parcial) e processos figurativos (metafóricos e metonímicos). Em casos de discurso reportado, o PV se desloca para o espaço de discurso direto (pleno ou parcial). Já em processos figurativos, levando-se em conta a Rede de Espaços Comunicativos Básicos (BCSN), os processos metafóricos e metonímicos, deslocam o PV para o Espaço Metalinguístico.

Tendo em vista que o uso de aspas marca essencialmente um afastamento do Ponto de Vista do espaço Base, que abriga falante/redator, ouvinte/leitor e parâmetros espaço-temporais do evento de fala/escrita, vale destacar que o fenômeno pode ocorrer em contextos não descritos no presente trabalho, como, por exemplo, aqueles relacionados à ironia. Nesse sentido, consideramos que o aprofundamento da investigação, com a inclusão de outros gêneros textuais (como conversas escritas informais em aplicativos de mensagens, e-mails pessoais, etc.), pode levar a uma compreensão mais abrangente do fenômeno e, conseqüentemente, ao refinamento da análise aqui proposta.

Referências

- COUTINHO, P. R. V.; ROCHA, L. F. M. A contraparte prosódica em construções de discurso reportado. *Revista Linguística*, v. 12, n. 1, pp. 177-87, 2016.
- CUTRER, M. *Time and Tense in Narratives and Everyday Language*. University of California: Ph.D. dissertation. 1994. University of California at San Diego.
- DAVIDSON, D. Quotation. In *Inquiries into Truth and Interpretation*. Oxford: Oxford University Press, pp. 79-92, 1984.
- DANCYGIER, B. *Conditionals and prediction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Mental spaces in Grammar: Conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- DANCYGIER, B; SWEETSER, E. *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- DANCYGIER, B; SWEETSER, E. *Figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. New York: Cambridge University Press, [1985]1994.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.) *Spaces, world and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: B. Dancygier; E. Sweetser (eds.), *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

FERRARI, L.; ALMEIDA, P. B. Subjetividade e intersubjetividade em condicionais: alternâncias entre presente e futuro no português brasileiro. *Alfa*, 59, pp. 89-111, 2015.

GRADY, J. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. Ph.D. dissertation, University of California, Berkeley. 1997.

GUTZMANN, D.; STEI, E. Quotation marks and kinds of meaning. Arguments in favor of a pragmatic account. In: BRENDDEL, Elke; MEIBAUER, Jörg; STEINBACH, Markus; (eds.), *Understanding Quotation. Linguistic and Philosophical Analyses*. Berlin/New York: de Gruyter Mouton, pp. 161-93, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar, vol. 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar, vol. 2: Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

NIKIFORIDOU, K. The constructional underpinnings of viewpoint blends: the Past + now in language and literature. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Viewpoint in language: A multimodal perspective*. Cambridge: CUP, 2012.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. “Aí vem eu doidão”: uma abordagem cognitivista para a inversão do sujeito no português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, 33, n. 1, pp. 187-217, 2017.

PREDELLI, S. Scare quotes and their relation to other semantic issues. *Linguistics and Philosophy*, v. 26, pp. 1-28, 2003.

QUINE, W. *Mathematical Logic*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1951.

RECANATI, F. Open quotation. *Mind* .110.439, pp. 637-87. <http://dx.doi.org/10.1093/mind/110.439.637>, 2001.

RECANATI, F. Open quotation revisited. *Philosophical Perspectives* v. 22, pp. 443-71. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1520-8583.2008.00153.x>, 2009.

ROCHA, L. F. M. Discurso reportado é problema; interação fictiva, solução: padrões discursivas e informacionais em *corpus* de fala espontânea do PB. *Linguística (ALFAL)*, v. 36, n. 2, pp. 131-49, 2020.

ROCHA, L. F. M.; SILVA, J. C. Interação Fictiva como exemplificação em discurso direto: ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira. *Gragoatá*, v. 28, n. 2, 2023.

SANDERS, T; REDECKER, G. Perspective and the representation of speech and thought in narrative discourse. *In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.), Spaces, worlds and grammar*, pp. 290-317, 1996.

SANDERS, T., SANDERS, J.; SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: A mental space analysis of subjectivity in causal connectives. *In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (eds.), Causal categories in discourse and cognition*, Berlin/Mouton de Gruyter, pp. 19-60, 2009.

SWEETSER, E. Introduction: Viewpoint and perspective in language and gesture, from the Ground down. *In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (eds.). Viewpoint in language: A multimodal perspective*. Cambridge: CUP, 2012.

SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. *In: JANSSEN, T.; REDEKER, G. (eds.). Cognitive Linguistics: Foundations, scope and methodology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1999.

WASHINGTON, C. The identity theory of quotation. *Journal of Philosophy* v. 89, n. 11, pp. 582-605, 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2941057>.